

# A PRESENTAÇÃO

## Poéticas do presente: escritura, política, imagem

Experimentamos a literatura em estado de crise, as textualidades da perplexidade e da inconformidade, feitas de tempos diversos e de diversidades, que afetam, ocupam o sensível e instauram novos regimes a partir das políticas destruidoras do político: o terrorismo das ditaduras; o apagamento ou isolamento do outro; o silenciamento das mulheres; a imposição de regras cerceadoras da livre expressão. “É guerra, é guerra”, “é o fim da política”, nos alerta o pesquisador Alberto Pucheu, em *Para que poetas em tempo de terrorismo?* (2017). Como a voz em estado contemporâneo de Pucheu, os textos aqui reunidos traçam leituras desde outros textos que surgem da perplexidade, que rearranjam suas possibilidades perante a guerra contemporânea; denunciam ausências ou presenças invasoras e invasivas; e apelam para um saber sobreviver, *surviver*, no sentido dado por Walter Benjamin, da e pela letra: o desafio do *viver com*, do *viver junto*.

Abrimos esta edição com o artigo de Maria Salete Borba que lê, em três poemas da segunda parte do livro *Roça barroca*, de Josely Vianna Baptista, a concomitância de uma contemporaneidade conformada pelo passado e o presente e o desafio do *con-viver*. Atua, nos poemas lidos, conforme Borba, a imagem-palavra e a estética-política que neste caso quer dar conta da paradigmática presença da poética ameríndia que, como alteridade, se une à ocidental na proposta barroco-política de Vianna Baptista. A consideração da alteridade, para além de uma perspectiva etnocêntrica, também é encontrada na literatura ativista do escritor Valter Hugo Mãe, que, de acordo com o estudo que nos apresenta Alesandra Rech, sobre a obra *O filho de mil homens*, propõe um horizonte de afeto voltado enfaticamente ao acolhimento do outro.

A seguir, Kim Amaral Bueno localiza na obra de Gonçalo Tavares, *Uma viagem à Índia*, um diálogo com o cenário político contemporâneo dado pela opção da construção de uma epopeia às avessas, através de estratégias minorizadoras do gênero. Em contraste com a grande epopeia portuguesa, a anti-epopeia de Gonçalo Tavares trabalha com uma desterritorialização da língua, com um agenciamento coletivo que não passa pela pátria ou nação e com o individual posto em relação diretamente com o político. Desse modo, é por uma política da escrita que se estabelece o diálogo do autor com a contemporaneidade e com o passado formador. Da mesma forma, Cinara Ferreira e Carlos Walter Soares encontram na escrita das composições de Vítor Ramil a heterotopia foucaultiana, que se apresenta em diálogo com a literatura de Jorge Luis Borges, como uma opção do cantor e compositor para tratar do presente. O espelhismo, a ilusão de ótica, a duplicação e a fragmentação de experiências, identidades e espaços são indícios da poética heterotópica de Ramil que o colocam em consonância com os dias atuais.

Em deslocamento para as relações entre migração e gênero, enfoque bastante recorrente na literatura contemporânea escrita por mulheres, Luciane Alves e Gerson Neumann chamam atenção para uma narrativa em que as autoras vivem pessoalmente a experiência

da desterritorialização, e, em uma espécie de estudo de caso, ocupam-se do romance *La filla estrangera*, da escritora catalã de origem marroquina Najat El Hachmi, que aborda em suas obras principalmente a situação das migrantes de origem árabe na Espanha e coloca em evidência questões sociais, políticas, religiosas, linguísticas e de gênero. A relação complementar é apresentada no artigo do pesquisador argentino Rocco Carbone, que, cruzando temporalidades, vai ler o pós colonialismo latino-americano a partir de *A tempestade*, com o objetivo de formular uma interpretação das personagens Sicorax e Miranda em relação tensa entre o teatro de Shakespeare e o de Aimé Césaire, e, em ato contínuo, discutir o caso de Milagro Sala, na Argentina.

Pensando o teatro em instância interdisciplinar, Luís Francisco Wasilewski analisa, na comédia, os textos *TV Croquete Canal Dzi*, *À direita do presidente*, *Nada e Brasil*, *a peça*, as questões políticas presentes nas encenações do grupo de teatro-dança brasileiro Dzi Croquettes e em sua relação com o movimento Besteirol dos anos 1980, durante a mudança do sistema político no país, do regime militar para a redemocratização. Luciana Abreu Jardim, por sua vez, reflete sobre imagens escolhidas do pintor Hieronymus Bosch à luz de possíveis cruzamentos estéticos com o teatro da crueldade, de Antonin Artaud, a partir de algumas escolhas pictóricas de Artaud que se manifestam em suas obras completas, chamando a atenção para a relação por ele estabelecida entre pintura e escrita e na intimidade da experiência de escrever sobre pinturas.

Por fim, Karine Mathias Döll e Keli Cristina Pacheco propõem uma leitura do romance *Mar azul*, escrito por Paloma Vidal, potencializando reflexões acerca de temas tais como ditadura, repressão e violência contra a mulher dividindo-se entre os aspectos cronológicos da obra, o perfil das personagens narradas pela protagonista e as características das personagens ao próprio signo mar, mapeando o desenho das sensações de movimentos aquosos/marítimos presentes no romance e as possibilidades de reflexão acerca das conexões entre o romance e acontecimentos políticos do passado/presente.

As duas resenhas – a de Fernanda Bernardes, a respeito do livro *Cuerpos ilegales: Su-jeto, poder y escritura en América Latina*, de Nanne Timmer, e a de Diego Lock Farina, a respeito de *Demanda: Literatura e Filosofia*, de Jean-Luc Nancy – trazem, por um lado, um projeto que convoca uma reunião de corpos de diversas naturezas, demonstrando como todos nos movemos entre nosso ser físico e a necessidade de sermos reconhecidos como pessoa, quando a lei interfere nas produções de identidades. Por outro, envolvem a filosofia e a literatura, seja em seu contato recíproco, em que uma interroga a verdade da outra, seja em sua interioridade, na condição de *parte*, em que cada qual resguarda a potência do eterno retorno de um insistente mesmo, cuja força virtual desestabiliza a sabedoria e o mito, apresentando aos leitores brasileiros, no primeiro caso, uma leitura da literatura cubana, e, no segundo, as reflexões de um importante teórico francês traduzidas ao português.

Nos propusemos, nesta edição, intitulada *Poéticas do presente: escritura, política, imagem*, reunir artigos dedicados aos estudos da Literatura como dispositivo comparatista ativador de processos crítico/criativos, crítico/políticos, que se instauram em tempo presente, a partir de algumas perguntas: como pensar este tempo no qual estamos inseridos e que nos escapa? Como esse tempo carrega outros tempos? Em que medida as políticas contemporâneas de gênero e escritura e suas criações nos atingem e nos interpelam? Tais indagações surgiram ao observarmos a intensa produção artística contemporânea, que se apresenta, em sua singularidade, com um caráter estético-crítico que ultrapassa categorias e conceitos determinados por disciplinas e/ou linguagens específicas, tais como texto, imagem, visualidade, política.

Ao abrir espaço para a reflexão crítica sobre literatura e textualidades que desenham sensações, que descrevem possibilidades nas formas de *corpus*-corpo, *corpus*-paisagem, *corpus*-escrita, *corpus*-política, mesclando-se a paisagens que denunciam catástrofes, que desenham/rasuram novos horizontes, que se indispõem com práticas fascistas e com o cerceamento da liberdade artística, não imaginávamos a quantidade e qualidade do material que nos seria apresentado. No conjunto aqui publicado, relacionado às poéticas do presente, mas que também oferece relações anacrônicas, entre o passado e o presente, entre literatura e política, entre literatura e estética, e considerando, ainda, a pluralidade de registros, além da variação de suportes, acreditamos ter delimitado uma pequena mostra tanto do que nos foi enviado, quanto do que, hoje, frequenta as pesquisas dos teóricos da literatura.

Porto Alegre, Guarapuava e Foz do Iguaçu, no mês da eleição para presidente do Brasil.

*Débora Cota*  
*Nilcéia Valdati*  
*Rita Lenira de Freitas Bittencourt*  
Organizadoras